

# CPLP tem mostrado mais as fraquezas do que as forças

■ A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) frustrou as expectativas que levaram à sua criação, em 1996, facto que constitui «uma realidade muito dolorosa», considerou o sociólogo Boaventura Sousa Santos.

«A expectativa era alta por não haver um país central», frisou, salientando que nenhum dos países que integram a CPLP (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste) está no grupo dos 20 que registam o nível mais elevado de desenvolvimento humano.

No entendimento do sociólo-

go, que intervinha ontem numa conferência promovida pelo Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra, o facto de não haver um país que se destacasse poderia ser uma vantagem, por não ter capacidade de mandar nos outros.

Mas o que se viu «foram mais as fraquezas que as forças, com a reprodução de neocolonialismos, não só de Portugal, mas do Brasil», criticou.

Por outro lado, referiu que a CPLP não teve capacidade para intervir em momentos decisivos, como foram as cheias em Moçambique, e «foi notada essa ausência».

«É a comunidade mais pequena, mas mais diversa do mundo. Não houve até agora vontade política para a projectar, mas está no bom caminho», acrescentou Boaventura de Sousa Santos.

Na conferência, o director-geral da CPLP, Helder Vaz, defendeu que a unificação da grafia da língua portuguesa vai resultar na afirmação do português como língua de trabalho nas organizações internacionais.

«Pretendemos uma grafia unificada. Vamos ter de harmonizar, e depois de unificarmos, vamos melhorar», afirmou. |